

BRÉHIER, Émile. A teoria dos incorporais no estoicismo antigo. Tradução de Fernando Padrão Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho; transliteração e tradução do grego de Luiz Otávio Mantovaneli. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Resenha por Fernanda Siqueira Miguens¹

Recentemente publicado no Brasil, **A Teoria dos Incorporais no Estoicismo Antigo** foi um texto decisivo para a filosofia francesa contemporânea. Vladimir Jankélévitch, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jaques Derrida, Maurice Blanchot e Clément Rosset estão entre os autores que elaboraram reflexões decisivas a partir das teses e do método proposto neste estudo. É famosa, por exemplo, a utilização de Deleuze do pensamento estoico em **Lógica do Sentido**². Apesar de sua suma importância, esta tese de doutoramento de Bréhier é pela primeira vez vertida para uma língua estrangeira, fato que reforça o mérito do Laboratório de Filosofia Contemporânea da UFRJ.

Para falarmos na teoria dos incorporais, precisaremos entender a convergência que este livro revelador guarda com outra obra famosa de Bréhier, a **História da filosofia**.³ Um aspecto importante desse tema consistiria na observação cuidadosa da trajetória do filósofo como historiador da filosofia, especialmente a partir do modo como aborda os pensamentos marginais medieval e oriental. É preciso ressaltar que aí reside o desejo de Bréhier de prescrever um caminho reflexivo que rompa com as limitações e circunscrições inerentes ao próprio processo do pensamento, tal como consolidado pela metafísica tradicional. Assim, de modo similar, podemos afirmar que é com a demonstração da ideia de *exprimível* no estoicismo que ele pretende conter, à força, a tendência do conceito ao confinamento, problematizando as consequências políticas, cívicas, econômicas, monásticas ou ontológicas ao longo da história. Esta extensão do pensamento conceitual metafísico em desdobramentos éticos representará mais tarde uma marca inegável do conceito derridiano da desconstrução.

A origem da teoria dos incorporais remonta até os primeiros pensadores gregos, cujas ideias foram posteriormente refutadas por Platão e Aristóteles, “que colocaram o

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro com a dissertação "Aproximações entre os conceitos de verdade e feminino no sufismo".

² DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003.

³ BRÉHIER, Émile. **Histoire de La Philosophie I: Antiquité et moyen age**. France: PUF, 1994.

princípio das coisas nos elementos penetráveis ao pensamento claro”⁴. Para Bréhier, a opção estoica deve-se ao fato de que sua doutrina nos chama a atenção para um componente não assimilado pelo processo de ensino e aprendizado tal como erigido pelo cânone ocidental, orientado pela lógica da identidade.

Sobre os estoicos, Bréhier volta-se para o modo como problematizam os conceitos e edificam o pensamento - de acordo com as particularidades percebidas na relação entre um *nome* e um *objeto* – ao patamar de uma ciência acerca da observação dos significados. O método semiótico descrito no livro inclui ir além da camada externa de um conceito, compreendido a partir da sua circunscrição em uma identidade, égide da metafísica tradicional, em direção ao singular na realidade, em que seu caráter múltiplo é respeitado.

O estoicismo inaugurou e aperfeiçoou, entre outras coisas, um método de leitura a partir do qual o “elemento primordial da lógica aristotélica, o conceito”⁵ coincide com o “atributo do objeto que chamam de *exprimível*”⁶. Um conceito como *belo*, agora em oposição à lógica aristotélica, é tão representativo da integridade de um tapete, por exemplo, como um dos seus fios quando puxados ao léu. Rompe-se, deste modo, com a categorização dos seres a partir de substância e acidentes, em que estes últimos aparecem como termos acessórios do conceito.

De modo análogo, torna-se possível que nos voltemos à história da filosofia – um retrato sobre como as partes tremularam e se consumiram em benefício do todo – como a consequência narrativa daquilo que foi imune ao processo de aniquilamento das multiplicidades em benefício da retificação do projeto político ocidental. Nem mesmo, tal como apontado pela introdução do livro – feita por Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel -, o conceito pode ser entendido como realidade pré-existente. Isto faz com que o pensamento da metafísica seja entendido como encontrar um caminho em que possa ser contemplado. Deste modo, o conceito se firma como unidade do conhecimento, que, reunidos, produziram os sistemas filosóficos.

O pensamento estoico, no entanto, decompõe isto que seria entendido como o “átomo” da metafísica, e mostra que esta unidade é constituída por partes menores,

⁴ BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Tradução de Fernando Padrão Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho; transliteração e tradução do grego de Luiz Otávio Mantovaneli. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 19.

⁵ Idem, p. 35.

⁶ Idem, p. 36.

arranjadas num encadeamento mais complexo e captadas a partir da noção de *acontecimento*. O conceito, deste modo, não é uno, mas múltiplo.

REFERÊNCIAS

BRÉHIER, Émile. **Histoire de La Philosophie I: Antiquité et moyen age**. France: PUF, 1994.

BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Tradução de Fernando Padrão Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho; transliteração e tradução do grego de Luiz Otávio Mantovaneli. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003.